



philo  
sophica

**Coleção PHILOSOPHICA**  
coordenada por RACHEL GAZOLLA

- *A ciência e o mundo moderno*  
Alfred North Whitehead
- *Introdução à filosofia antiga: Premissas filológicas e outras “ferramentas de trabalho”*  
Livio Rossetti
- *Busca do conhecimento: Ensaios de filosofia medieval no Islã*  
Rosalie Helena S. Pereira (org.)
- *Cosmologias: Cinco ensaios sobre Filosofia da Natureza*  
Rachel Gazolla (org.)
- *As ambiguidades do prazer: Ensaio sobre o prazer na filosofia de Platão*  
Francisco Bravo
  - *Sofista*  
Giovanni Casertano
- *Platão e Aristóteles na doutrina do Nous de Plotino*  
Thomas Alexander Szlezák
  - *A arte e o pensamento de Heráclito:*  
*Uma edição dos fragmentos com tradução e comentário*  
Charles Kahn
- *Espinosa e Vermeer: Imanência na filosofia e na pintura*  
Sara Hornäk
  - *A sabedoria grega (I)*  
Giorgio Colli
  - *O pensamento de Gadamer*  
Jean Grondin (org.)
- *Estrutura e significado da Metafísica de Aristóteles*  
Enrico Berti
  - *A obra dos Sofistas - uma interpretação filosófica*  
Mario Untersteiner
- *Teoria das ideias de Platão: Uma introdução ao idealismo (2 Vols.)*  
Paul Natorp
- *Hieros Logos: Poesia órfica sobre os deuses, a alma e o além*  
Alberto Bernabé
  - *Contradição e dialética nos antigos e nos modernos*  
Enrico Berti
  - *A vida feliz humana: Diálogo com Platão e Aristóteles*  
Arianna Fermani

ARIANNA FERMANI

**A VIDA FELIZ HUMANA**  
**DIÁLOGO COM PLATÃO E ARISTÓTELES**



PAULUS

Título original: *Vita felice umana – In dialogo con Platone e Aristotele*  
© 2006, EUM – Edizioni Università di Macerata  
ISBN 978-88-6056-096-9

Tradução: *Renato Ambrosio*

Direção editorial: *Claudio Avelino dos Santos*

Assistente editorial: *Jacqueline Mendes Fontes*

Revisão: *Tarsila Doná*

*David Brendo Silva*

*Cícera G. S Martins*

Diagramação: *Dirlene França Nobre da Silva*

Capa: *Marcelo Campanhã*

Impressão e acabamento: PAULUS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Fermani, Arianna

A vida feliz humana: diálogo com Platão e Aristóteles / Arianna Fermani ; [tradução Renato Ambrosio]. — São Paulo: Paulus, 2015. — (Coleção Philosophica)

Título original: *Vita felice umana: in dialogo con Platone e Aristotele.*

ISBN 978-85-349-4125-9

1. Aristóteles - Ética 2. Felicidade 3. Platão - Ética I. Título. II. Série.

15-01175

CDD-180

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Filosofia antiga 180

1ª edição, 2015

© PAULUS – 2015

Rua Francisco Cruz, 229 · 04117-091 · São Paulo (Brasil)

Fax (11) 5579-3627 · Tel. (11) 5087-3700

www.paulus.com.br · editorial@paulus.com.br

ISBN 978-85-349-4125-9

## SUMÁRIO

9 AGRADECIMENTOS

11 INTRODUÇÃO

### *PRIMEIRA PARTE* **SEMÂNTICA DA FELICIDADE**

#### *Primeiro capítulo*

- 21 A FELICIDADE COMO PERGUNTA ORIGINÁRIA  
22 I. Pergunta “de” felicidade  
29 II. Perguntas “sobre” a felicidade  
31 1. Felicidade: uma questão terminológica  
47 2. Felicidade e formas de vida

#### *Segundo capítulo*

- 67 FELICIDADE E DOR  
70 I. A experiência da dor  
76 1. A dor como acontecimento  
83 2. As formas da dor  
89 2a. A dor à máxima potência: a morte  
97 2b. Os aspectos da morte. Reflexões conclusivas  
99 II. Cicatrização da dor e cura de si  
99 1. Abordagens da dor  
108 2. Cura da dor e cuidado de si  
111 3. O assumir a dor  
116 III. Concluindo

*Terceiro capítulo*

- 121 FELICIDADE E PRAZER
- 121 I. A experiência do prazer
- 124 II. Fenomenologia do prazer
- 124 1. O prazer no horizonte da corporeidade
- 127 2. Dinâmicas prazerosas e dolorosas
- 133 3. O corpo e os desejos: a veemência da cheia de um rio
- 137 4. Alma e corpo diante do prazer
- 139 4a. Verdade/falsidade dos prazeres
- 147 4b. Unidade e multiplicidade da noção de desejo.  
Algumas notas à margem dos textos platônicos  
e aristotélicos
- 157 5. Prazeres e critérios de escolha
- 165 III. O papel do prazer na vida feliz

*Quarto capítulo*

- 175 FELICIDADE E REALIZAÇÃO DE SI
- 177 I. Perfis das virtudes: tentativas de recuperação
- 178 1. Virtude como excelência
- 183 2. Virtude como força
- 194 3. Virtude como disposição
- 202 4. Virtude como justa medida
- 215 II. A virtude como arquitetura da felicidade
- 219 1. Vida feliz e afinada: a virtude como música
- 224 2. Vida feliz e afinada: a virtude como medida
- 232 3. A virtude como arte de viver bem

*Quinto capítulo*

- 237 FELICIDADE E BENS EXTERIORES
- 245 I. As primeiras abordagens do problema
- 260 II. Felicidade e fortuna
- 263 1. Lampejos de felicidade, golpes de fortuna
- 272 2. Fortuna e virtude
- 277 3. Felicidade e fortuna: observações conclusivas
- 280 II. Felicidade e administração dos bens
- 294 1. A posse e a utilização de dois bens supremos:  
a *sophía* e a *phrónesis*

SEGUNDA PARTE  
PRÁXIS DA FELICIDADE

Primeiro capítulo

- 303 FELICIDADE E VALORIZAÇÃO DOS RECURSOS PRÓPRIOS
- 305 I. Vida feliz e boa utilização dos talentos próprios
- 305 1. Por uma *eudaimonía* no horizonte da *phýsis*
- 311 2. Felicidade no singular e felicidade no plural
- 314 2a. Algumas reflexões sobre as noções de corpo  
e alma em Platão e Aristóteles
- 320 2b. Almas e projetos de vida: observações conclusivas
- 322 II. *Eudaimonía* como reencontro e boa alocação  
do próprio *daímon*
- 324 1. Felicidade como consciência
- 333 2. Percursos existenciais e trajetórias de felicidade
- 338 III. Sabedoria e sapiência diante da felicidade

Segundo capítulo

- 361 FELICIDADE COMO CONQUISTA DA PLENITUDE
- 362 I. Felicidade: entre experiência de plenitude e plenitude  
de vida
- 366 1. Tentativas de articulação da noção de plenitude
- 370 II. Por uma plenitude no horizonte da *enérgeia*
- 380 III. A dificuldade de fazer nascer asas: felicidade  
como conquista
- 382 1. Felicidade plenamente consciente e plenamente  
humana
- 389 IV. Reflexões conclusivas

395 CONCLUSÕES

- 395 I. Para concluir
- 398 II. Vida feliz humana: apontamentos de viagem

415 BIBLIOGRAFIA

- 415 I. Dicionários e léxicos
- 415 II. Textos antigos
- 418 III. Textos modernos e contemporâneos
- 421 IV. Literatura crítica e estudos gerais

## AGRADECIMENTOS

Este trabalho tem sua origem na minha tese de doutorado em Filosofia e Teoria das Ciências Humanas, realizada na Università degli Studi di Macerata e defendida em novembro de 2003. Ao longo da pesquisa (premiada com uma “Menção Especial” na 5ª Edição do *Premio di Filosofia “Viaggio a Siracusa”*, ano 2003/2004) e nas fases posteriores, foi possível discutir e recalibrar alguns pontos do tema em questão, também por meio da participação em alguns congressos organizados em Macerata pelo professor Maurizio Migliori nos anos 2001-2002 (*Não somente dialética, não somente lógica. A questão do método em Platão*), em 2002 (*Deus e o divino na filosofia grega*) e em 2004 (*Atividade e virtude. Alma e corpo em Aristóteles*). Posteriores e proficuas ocasiões de discussão para a redação definitiva deste trabalho vieram da participação em outros congressos, seminários e jornadas de estudos. Um agradecimento é devido, portanto, a todos aqueles que, nas diversas ocasiões, contribuíram para oferecer estímulos, conselhos e sugestões. Ao agradecimento a todos esses (que por razões óbvias não será possível mencionar um por um), deve-se acrescentar alguns agradecimentos específicos.

O primeiro vai ao professor Maurizio Migliori, pela atenção e o rigor com o qual seguiu este trabalho em todas as suas fases, e por seu papel de guia insubstituível que o caracterizou por todo meu percurso de pesquisa.



A ele a minha estima e o meu profundo reconhecimento por sua disponibilidade e por sua humanidade, e por me ter ensinado como a extraordinária riqueza de pensamento dos antigos pode reviver somente se ouvirmos respeitosamente as suas palavras.

Um sincero agradecimento também ao professor Francesco Totaro, coautor da minha tese de doutorado, ao professor Giovanni Ferretti e ao professor Luigi Alici, que tiveram a paciência de ler o trabalho e me forneceram preciosas sugestões; e a todos aqueles (docentes, pesquisadores, bolsistas, doutorandos do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Università degli Studi di Macerata) que me ajudaram a repensar e a problematizar alguns pontos deste meu trabalho.

Um agradecimento particular também ao professor Ferruccio Andolfi da Università degli Studi di Parma, pela disponibilidade, pela sensibilidade, pela atenção para com este estudo e por todas as ocasiões de valorização das minhas pesquisas que ele, generosamente, quis me oferecer.

Minha profunda gratidão, para a qual as palavras não bastam, a meu pai e minha mãe, por terem possibilitado este meu caminho, me encorajando e apoiando a cada passo, como somente um pai e uma mãe sabem fazer.

E, por fim, um agradecimento especial ao meu querido marido Marco, por me ter acompanhado nesta viagem e por ter conseguido, com sua “paciente ironia”, controlar muitas das minhas ansiedades.

Temos somente a felicidade que conseguimos entender (M. Maeterlinck, *A sabedoria e o destino*).

O que será de nossa vida, pelo menos em parte, é o resultado do que cada um de nós quer (F. Savater, *Ética para um filho*).

## INTRODUÇÃO

Para sermos felizes, seria necessário viver. Mas viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas existe, e nada mais (O. Wilde, *A alma humana no regime socialista*).

Fazer uma investigação sobre a felicidade, dedicar alguns anos da própria vida para estudar aquilo com o que *cada* vida gostaria de se adornar, é, indubitavelmente, um grande e raro privilégio. Grande porque a felicidade humana, seja lá o que ela for, é aquilo do que depende a própria vida, é aquilo sem o que toda existência perde sua própria consistência e seu próprio peso, aquilo cuja ausência reduz o *viver* a um mero *sobreviver*. Mas um privilégio como esse é também raro, como demonstra o fato de que são poucos os seres sobre a terra que podem dedicar parte de seu tempo ao que dá sentido à vida, mas que, como muitos (apesar de tudo) pensam, parece que não tem lugar na vida, a não ser como um acessório supérfluo, ou como um “objeto de luxo”. E, no entanto, deve-se dizer que ter a possibilidade de conduzir uma investigação so-

bre a felicidade, em certo sentido, é realmente um “luxo”; por outro lado, fazer com que nossa própria vida seja feliz parece ser algo que aspira ter um papel que vai bem além do de coadjuvante. Todavia, muitos leem a felicidade exatamente desse modo e, portanto, acabam por se resignar a pensar que podem tranquilamente prescindir dela. E isso vale não só para os muitos seres humanos que povoam a terra, cuja existência se esgota no horizonte da sobrevivência e que, mais do que ser feliz, mais do que viver bem, aspiram a viver, a cavar dia após dia suas próprias mortes.

Para muitos, viver já é muito, não há dúvida, e lá, onde mais do que viver, “leva-se a vida”, lá, onde a nua existência é uma aposta, o discurso sobre a felicidade soa um tanto desafinado. Às vezes, e infelizmente com muita frequência, a felicidade parece “como o último dos pensamentos possíveis”.<sup>1</sup> Como bem se observou: “a pergunta sobre a felicidade pode se tornar um ponto de vista relevante para a ação somente quando a preocupação pela sobrevivência imediata não absorve todas as suas forças”.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> AMATI SAS, S. “Crimini dell’umanità e psicoanalisi: quale felicità”. *Psiche, Rivista di cultura psicoanalitica*. Número monográfico: *La felicità può essere considerata uno degli oggetti della Psicanalisi?*, VI, 2 (1998), p. 145.

<sup>2</sup> SPAEMANN, R. *Glück und Wohlwollen über Ethik* (1989). Tradução italiana: AMORI, M. *Felicità e benevolenza*. Milão: Vita e Pensiero, 1998, p. 41. “For non-human animals, life can be wretched or happy, but there is nothing much they can do about how it turns out. For human beings, by contrast, at least those who are fortunate enough to have the material resources to free them from the daily struggle for existence, there is the opportunity to reflect on how life should be lived” (COTTINGHAM, J. *Philosophy and the good life. Reason and the passions in Greek, Cartesian and psychoanalytic ethics*. Cambridge University Press, 1998, p. 1) [“Para os animais não humanos, a vida pode ser infeliz ou feliz, mas não há muito que eles possam fazer a respeito de como mudá-la. Para os seres humanos, ao contrário, ao menos para aqueles que são suficientemente afortunados para ter os recursos materiais para livrá-los da luta diária pela existência, há a oportunidade para refletir sobre como a vida deveria ser.”]

Observação justíssima, se não fosse o fato que simplesmente se vai “levando a vida” com muito mais frequência do que se deveria, mesmo quando se teria a possibilidade de aspirar a mais, de olhar mais para o alto.

Schopenhauer escreveu que “as pessoas comuns vivem somente a passar o tempo; quem tem um pouco de engenho... a utilizá-lo”.<sup>3</sup> Frequentemente, de fato, e às vezes também de modo inconsciente, a boa vida é considerada simplesmente viver uma vida mínima,<sup>4</sup> um divertir-se existência afora feito de energias nunca utilizadas (e, talvez, nem mesmo descobertas), de ocasiões desperdiçadas,<sup>5</sup> esforçando-se de todas as maneiras para matar o tempo e acabando por matar a nós mesmos.<sup>6</sup> Porque o tempo, como se sabe, é,

<sup>3</sup> SCHOPENHAUER, A. *Aphorismen zur Lebensweisheit*. In: *Parerga und Paralipomena: kleine philosophischen Schriften* (1851). Tradução italiana: POCAR, E. Milão: Mondadori (com permissão da Editora Longanesi), 1987, p. 29.

<sup>4</sup> “Uma vida mínima é uma vida pobre, pouco estimável. Indica uma falta de utilização das possibilidades, uma renúncia à vida... Por fraqueza vital - biográfica, não biológica - por covardia, por medo do risco, por falta de amor, reduz-se a vida a um nível inferior àquele possível” (MARIAS, J. *Tratado de lo mejor*. Madri: Alianza Editorial, 1995. Tradução italiana: MAGNATI FAGIOLO, M. *Piccolo trattato del bene e del meglio. La morale e le forme della vita*. Milão: Edizioni San Paolo, 1999, p. 80).

<sup>5</sup> Pode-se “passar pela vida sem se dedicar a ela com energia: não se expor às tentações, aos insucessos, às desilusões, aos erros, às adversidades, à dor. São formas disfarçadas de suicídio, de negação da vida, uma sovínice em relação ao que se pode fazer, em todos os campos... Frequentemente se trata da avareza vital, da incapacidade de dar, que é, sobretudo, dar-se” (MARIAS, J. *Op. cit.*, p. 81). Ao contrário, para que uma vida seja vital, é necessário “gastar-se” sem se economizar, já que “a felicidade, a vida bem vivida, não pode de modo algum ter um preço alto demais” (SPAEMANN, R. *Op. cit.*, p. 18). “A vida exitosa, ao contrário de tudo isso, não tem custos eternos tais que se possa dizer, uma vez alcançada, que ela não tenha valido a pena” (*Ibid.*, p. 33).

<sup>6</sup> “A nossa é uma sociedade composta de indivíduos infelizes, isolados, tomados por estados depressivos e impulsos destrutivos, incapazes de independência, em uma palavra, seres humanos que ficariam bem felizes em poder matar o tempo que com tanto afincio procuram economizar” (FROMM, E. *To Have or to Be*. Nova York, 1976. Tradução italiana: SABA SARDI, F. *Avere o Essere*. Milão: Arnoldo Mondadori Editore, 1977, p. 16).

ao mesmo tempo, o mais precioso de todos os recursos e o mais pesado de todos os vínculos, do tempo devemos fazer um tesouro, tempo pelo qual toda vida é medida, mas que na boa vida pode se tornar também ritmo e harmonia.

O que causa espanto, nesse sentido, é a reação diante do fato de que alguém tenha podido escolher como tema de sua pesquisa exatamente a felicidade. A maioria das pessoas fica surpresa, ou mesmo entediada, diante do fato de que se pode estudar um tema tão fascinante (porque parece que ninguém duvida do fascínio desse tema) quanto incerto, desvinculado da vida, um objeto típico das fábulas, dos romances de folhetim, de final de histórias para crianças (“... e viveram felizes para sempre”) em que nenhum adulto, que não fosse totalmente ingênuo ou um pouco louco, deveria acreditar.

Como seria mais sensato, ouve-se às vezes, utilizar o próprio tempo para investigar temas seguramente menos fascinantes, mas certamente mais úteis para a vida cotidiana, temas que visassem a limitar e combater a infelicidade, aquela infelicidade tão dramaticamente fácil de se experimentar, “visto que fontes de sofrimento surgem de nosso próprio corpo, como a doença e a decadência física; do mundo externo; e das nossas relações com os nossos semelhantes”.<sup>7</sup>

Por um lado isso é verdade. Diante dos estudos voltados à prevenção e ao combate de catástrofes naturais, diante das respeitáveis pesquisas médicas, científicas e tecnológicas que têm por objetivo deter e curar doenças que afligem os seres humanos, que contribuem para melhorar as condições de vida de toda a humanidade,

<sup>7</sup> MARINELLI, F. “Felicità tra illusione e creatività”. *Psiche. Ibid.*, p. 69.

que trazem mudanças nos sistemas de comunicação, na economia, na própria percepção do mundo, parece que refletir sobre a felicidade é quase nada. Algo intangível, inalcançável, não quantificável e, portanto, inútil.

No entanto, não há nada que o homem deseje mais do que ser feliz. Todos os homens, diziam Platão e Aristóteles, desejam ser felizes, e tendem para a felicidade mais do que para qualquer outra coisa: a felicidade é o fim último de toda a existência.

Mas de novo, diante de perguntas do tipo “o que é a felicidade?”, “Como se pode alcançá-la?”, os homens parecem fugir,<sup>8</sup> como se temessem ser flagrados em erro pelo fato de não saber respondê-las, por ter vivido por anos desejando algo que, talvez, não exista ou que, mesmo que exista, provavelmente é inalcançável. Ou como se temessem ser enganados, temessem ver o seu sonho miseravelmente desmascarado e despedido, ou como se se envergonhassem por ter tido esse sonho. Há também quem, paradoxalmente, tem medo da felicidade. “Podemos ter medo da felicidade, ela nos pode ser negada pelas nossas instâncias morais e, igualmente, pelos vínculos, juízos, sistemas éticos que nos ligam aos outros, a uma época, a uma cultura.”<sup>9</sup>

<sup>8</sup> “A recusa, mais ou menos consciente, de enfrentar o tema da felicidade corresponde, substancialmente, a uma recusa psicológica, a um tabu. De fato (e essa é outra grave contradição), não será, talvez, imoral ou perigoso procurar o caminho da felicidade? Não seria, afinal, bom e puro egoísmo? A busca do Graal não será talvez uma quimera? Não se corre o risco, talvez, de se queimar as asas por voar alto demais, até a felicidade? Nós a desejamos, mas um medo vagamente supersticioso nos veta buscá-la de modo demasiadamente manifesto” (BOIRON, C. *La source du bonheur est dans notre cerveau*. Paris: Editions Albin Michel, 1998. Tradução italiana: CHIARINI, P. *Le ragioni della felicità. Contenuti e definizioni del piacere e della felicità: nuove ipotesi*. Milão: Franco Angeli, 2001, p. 10).

<sup>9</sup> CHIANESE, D. “Del destino e della felicità”. *Psiche*. *Ibid.*, p. 25.

Diante de perguntas sobre o intento da felicidade ou sobre a possibilidade de alcançá-la, pode acontecer que se responda com outras perguntas, com outras interrogações cheias de amargura e renúncia: “para você existe a felicidade?”, ou então “mas você acredita na felicidade?” (que testemunham a crença em uma felicidade entendida como desejo pueril, destinado a se esvaecer diante das desilusões da vida madura).

Outros as respondem com frases feitas, sempre repetidas, mas talvez nunca entendidas ou tidas como verdadeiras. Outros ainda respondem com estereótipos,<sup>10</sup> com modelos de vidas esplêndidas e felizes, universalmente (e acriticamente) aceitas: felicidade é riqueza, beleza, poder, saúde, amor, e assim por diante.

Muitos, provavelmente, pensam na felicidade, talvez se deparando com a pergunta em momentos isolados da vida, diante de fatos extraordinários ou dramáticos. Então pode acontecer que a pergunta irrompa como um raio no acinzentado da vida cotidiana, mas é logo arquivada, com a ideia de que há coisas mais importantes e concretas em

<sup>10</sup> “O sistema límbico do cérebro é sensível à publicidade. Se nos jornais ou na televisão nos é repetidamente mostrado certo tipo de mulher associada aos estereótipos da felicidade (sensualidade, doçura, feminilidade, independência, poder, dinheiro, maternidade, família), o nosso sistema límbico acaba sendo automaticamente atraído por esse tipo de mulher. Os homens e as mulheres são atraídos de modo simétrico: os homens são induzidos a acreditar que aquele aspecto é garantia de doçura, feminilidade e submissão, e se estimulam assim seus desejos reptilianos (sensualidade) ou suas necessidades gregárias (dominação). As mulheres, estimuladas no seu condicionamento de sedução, são convidadas a se adequar àqueles estereótipos. É assim que a publicidade fala ao nosso sistema límbico sem que nós o percebamos sempre: ‘se vocês vestirem aquela determinada roupa, vocês serão amados, admirados; se vocês usarem aquele determinado perfume, aquela joia, aquele penteado, aquele carro, aquela marca de detergente ou de produtos congelados, vocês serão admirados e, portanto, felizes’” (BOIRON, C. *Op. cit.*, p. 89).

que pensar, e que é melhor não se deixar levar por esses sentimentos ociosos e um pouco *démodé*. Porque talvez a felicidade exista, mas é para poucos, ou cobre um espaço de tempo demasiado breve da existência para sair do seu papel de experiência de nicho.

A vida, como se ouve com frequência, é outra coisa. Mas se a vida não tem relação com a felicidade desde o seu início, se a vida, desde a sua origem, não é assumida com o objetivo de ser bem conduzida, se o homem, em suma, vem ao mundo unicamente para viver e para se esquivar da morte a cada dia, como diria Leopardi, então, realmente, ele deveria ser consolado pelo fato de ter sido gerado.<sup>11</sup>

De fato, a pergunta “o que é a felicidade?” não é uma pergunta como as outras, mas é uma das poucas perguntas, senão a única, na qual está envolvida a própria vida; Não podemos nos interrogar sobre a felicidade sem nos interrogar, em primeiro lugar, sobre nós mesmos, sobre a nossa vida, sobre o que somos e sobre o que gostaríamos de ser.

Na *República* de Platão, Sócrates afirma que indagar sobre a felicidade não é absolutamente uma pergunta desimportante, porque significa interrogar-se sobre como se deve viver.<sup>12</sup> Na investigação sobre a felicidade a vida é,

<sup>11</sup> “O homem nasce com esforço, / e o nascimento é risco de morte. / Experimenta pena e tormento, em primeiro lugar; e já no próprio começo / a mãe e o pai / começam a consolá-lo por ter nascido” (LEOPARDI, G. “Canto notturno di un pastore errante dell’Asia”. In: LEOPARDI, G. *Canti*. FELICI, L. (org.) Roma: Newton, 1989, v. 39-44). Como afirmou Savater, na *Ética*, p. 111: “o que me interessa não é se há vida depois da morte, mas que haja vida antes dela. E que essa vida seja boa, não simples sobrevivência, ou contínuo medo de morrer.”

<sup>12</sup> “É necessário também examinar, como nos tínhamos proposto em um segundo momento, se os justos vivem melhor do que os injustos e são mais felizes... a questão deve ser examinada ainda mais atentamente. De fato, o discurso não é sobre um tema qualquer, mas sobre como se deve viver” (PLATONE, *Repubblica* I, 352d2-7. Tradução italiana: BULTRI-



ao mesmo tempo, sujeito e objeto da investigação,<sup>13</sup> ponto de partida e objetivo final, pergunta e resposta, porque é da vida que extraímos as nossas perguntas, e é vivendo que as respondemos.

A felicidade não está, portanto, desvinculada da vida, mas é a própria vida, quando é vivida da melhor maneira. Somos felizes porque vivemos bem, porque a vida adquiriu um peso, uma direção, uma orientação, porque a vida se libertou da sua nudez, da sua exposição à morte, da simples e anônima subsistência, e se transformou em uma vida dotada de sentido, em uma vida individual e de uma concretude particularíssima.

A investigação sobre a felicidade, portanto, não é absolutamente insignificante, e não o é porque não é também absolutamente inútil. Talvez seja uma investigação mais discreta e menos estrepitosa do que outras, mas não menos útil; e visto que nela está envolvida a nossa vida, essa investigação não pode nunca ser inútil. Eis porque se pode dizer que “o problema da vida em seu conjunto, a alguns de nós, pode parecer menos urgente do que parecia a Sócrates. E, no entanto, a sua pergunta nos persegue ainda hoje, e exige um compromisso com a reflexão sobre a nossa própria vida em seu conjunto, isto é, na totalidade de seus aspectos e em toda a sua profundidade”.<sup>14</sup> Dessa pergunta premente começa a nossa investigação.

GHINI, U.; CACCIA, G.; PEGONE, E. In: PLATONE. *Tutte le opere*. 5 vol. *Repubblica, Timeo, Crizia* [4º vol.]. MALTESE, E. V. [org.] Com um ensaio de F. Adorno. Roma: Newton, 1997).

<sup>13</sup> Como já observou Fromm: “na arte de viver, o homem é, ao mesmo tempo, artista e objeto de sua arte; o escultor é o mármore, o médico é o paciente.”

<sup>14</sup> WILLIAMS, B. *Ethics and the Limits of Philosophy* (1985). Tradução italiana: RINI, R. *L'etica e i limiti della filosofia*. Roma-Bari: Laterza, 1987, p. 7.